

Em 13 de março de 2019, decorreu mais uma sessão do projeto “O meu livro quer outro livro”, no auditório, organizada pelo Departamento de Professores e Educadores Aposentados do SPGL.

Margarida Lopes iniciou a sessão referindo os momentos que a iriam constituir.

Helena Gonçalves informou sobre as principais reivindicações do movimento sindical e solicitou a colaboração de Isabel Gaspar que apelou a todos para que estejam presentes na Manifestação de Professores, no dia 23 de março. Isabel Gaspar referiu ainda as várias presenças e colaboração dos Aposentados nas mais recentes iniciativas, como a Tribuna Pública de Canto e Luta e as manifestações do MDM, no âmbito das comemorações do Dia da Mulher. Das reuniões dinamizadas em todas as escolas pelo SPGL confirmou-se que as decisões do governo lançam as pessoas umas contra as outras, pela grande amálgama de situações no âmbito do reposicionamento nas carreiras. Relativamente às pensões verifica-se que a maioria dos professores nunca chegará ao topo da carreira e não se aposentará com mais de mil euros.

“Mulheres à Beira de uma Largada de Pombos, À Volta das Canções de José Afonso” é o título da obra que foi objeto desta sessão.

Maria Jorgete Teixeira, a sua autora, professora no Barreiro, “angolana de nascimento, transmontana pelas raízes, alentejana pelo coração”, é uma militante pelas causas justas, entre elas a preservação da memória de Zeca Afonso. Pertence à direção da Associação José Afonso.

Acompanhando Maria Jorgete Teixeira, esteve presente para apresentar a obra, Guadalupe Portelinha, professora aposentada, também membro da direção da Associação José Afonso.

José Costa, dirigente do SPGL, do Barreiro, conhece há longos anos Maria Jorgete Teixeira, cujo trabalho sindical elogiou e cuja presença agradeceu.

Guadalupe Portelinha iniciou, então, a sua intervenção. Apresentou a obra como um livro à volta das canções de José Afonso. “A mulher é o tema principal dos contos na sua relação com os homens, no seu poder ancestral dominador”.

A escrita desta obra é, segundo Guadalupe Portelinha “profundamente emocional, atenta, arrojada, solidária”. “É visível a cumplicidade entre a autora e as personagens, como que a dizer, não estás só”.

Maria Jorgete Teixeira é “imaginativa e tem um talento especial para encontrar finais inesperados” como é o caso do conto “Na Rua António Maria”.

Guadalupe Portelinha afirmou que a obra de José Afonso tem sido “uma fonte inspiradora que atravessa a pintura, o cinema e a escrita” e considerou este livro como uma metáfora: “uma ponte, uma ligação entre o real e o imaginário das músicas de José Afonso sobre o abismo da mente e da alma, sobre as teias do comportamento humano”.

Maria Jorgete Teixeira iniciou a sua intervenção agradecendo o convite a Helena Gonçalves, Natália Bravo e Margarida Lopes. Agradeceu, ainda, a presença de Guadalupe Portelinha, colega da Associação José Afonso, e a José Costa, colega e companheiro das lides sindicais, elogiando a sua postura de homem de luta.

A autora começou por referir José Afonso como “arauto de todas as utopias, inquieto, solidário, sem correntes”. Tem-se debruçado sobre as suas palavras para descobrir o cantor que semeou notas e palavras, e os factos que estariam na origem das suas canções.

A autora decidiu que as personagens dos seus contos seriam mulheres para que saiam da obscuridade, uma vez que, ainda hoje, existe desigualdade. Falou do primeiro conto “Era Um Redondo Vocábulo, Uma Soma Agreste”. A canção de Zeca Afonso foi escrita quando esteve preso em Caxias e sugere dois polos contraditórios: prisão e liberdade, raiva e ternura, com a presença de Laura, personagem misteriosa, entre o lar e a prostituição.

Eurico Coelho é o autor do vídeo que ilustrou esta canção e que podemos encontrar no youtube com o título “Zeca Afonso_Redondo Vocábulo”.

O tema que preenche estes contos é sempre “as mulheres, a sua forma de resistir, a sua resiliência”. Helena Gonçalves comentou que esta sessão foi uma boa escolha para este projeto fechar o ciclo da Mulher. Seguidamente, Guadalupe Portelinha leu o último conto do livro, “Mulheres”, de que nos permitimos destacar a belíssima metáfora com que termina o conto: “as mulheres caminham sempre sobre a solidão das dunas. Mas dentro delas leveda a imensidão do vento, a insubmissão do mar”.

Foram tecidos alguns comentários que valorizaram a ideia luminosa de transformar no presente realidades conhecidas há muitos anos, de as tornar protagonistas dos contos, um pretexto belo e valioso para, mais uma vez, criar arte. Salientou-se, ainda, a forma como, pegando nas canções, se contaram histórias de mulheres, ligando-as ao vídeo que suscita muitas interpretações. A mais comovente intervenção referiu que não há nada que se possa dizer para lá do que foi dito; como filha do fascismo, a interveniente disse ter sentido na pele e vivido tudo o que foi sugerido.

Terminou com um lanche convívio esta sessão de “o meu livro quer outro livro”, uma pérola entre outras de que está recheado este projeto.

Muito há para pesquisar e conhecer sobre todas as pistas que aqui deixámos. Garantimo-vos que essa pesquisa será uma fonte de prazer com que poderemos preencher a “solidão das dunas” sobre que as mulheres caminham.